

As Regras de
um Cavaleiro

Nota breve

ESTA carta foi descoberta no início da década de 1970 na cave da quinta da nossa família, perto de Waynesville, Ohio, depois do funeral da minha bisavó. Como foi ela ali parar e também a sua autenticidade tornaram-se motivo de debates inconclusivos. A nossa família, todavia, terá descendência direta dos nobres Hawkes da Cornualha, e Sir Thomas Lemuel Hawke integrava os 323 que morreram na batalha de Slaughter Bridge no inverno de 1483. A carta e a rubrica estavam escritas em *cornish* e encontravam-se bastante danificadas aquando da sua descoberta. Foram reconstituídas, adaptadas e recriadas por mim, Ethan Hawke, a partir da tradução literal da Dra. Linda Shaw, da Universidade do Missouri, em St. Louis. Tentei criar um tom fiel à integridade da época, tornando ao mesmo tempo a carta acessível aos meus filhos.

Por favor, perdoem quaisquer erros óbvios. Garanto-vos que são meus, e não de Sir Thomas nem da Dra. Shaw. Ao tentar transmitir o fraseado de Sir Thomas, utilizei expressões e frases usadas nos escritos de outros cavaleiros (referidos na página 169) para exprimir aquilo que excedia as minhas capacidades. As ilustrações foram encontradas com o texto, reconstituídas e organizadas pela minha mulher, Ryan Hawke. Os Hawkes eram originalmente Hawkers e trabalhavam com falcões, açores e outras aves. Somos uma família com uma longa história de ornitologia.

E. H.

Cornualha, 1483

Meus queridos filhos, Mary-Rose, Lemuel,
Cvenild e Idamay,

Esta noite, um vento negro murmura segredos ao meu ouvido enquanto vos escrevo. Talvez este sussurro não seja mais do que a voz enganosa do medo, mas devo admitir que receio não voltar a ver-vos.

Esta guerra com o *Thane* de Cawdor aumentou de intensidade, assim como a minha crença de que não viverei para desfrutar a paz que a ela se seguirá. Depois de escapar por pouco na batalha de St. Faegan Fields, comecei a sentir a necessidade de vos transmitir a lista de «Regras» do meu avô. A rubrica dele ajudará a instruir-vos, caso eu não o possa fazer pessoalmente. É importante que vocês, Mary-Rose, Cven e Ida, entendam que estas regras foram escritas para mim, um jovem a caminho de se tornar

cavaleiro, mas aplicam-se com igual certeza a uma futura dama.

Se eu regressar a casa em segurança após a batalha de amanhã, tanto melhor; mas se assim não for, recorram a estas páginas sempre que procurarem a minha voz para vos orientar. Não quero que vós, meus filhos, usem a minha morte prematura, ou qualquer contratempo que a vida vos possa trazer, como pretexto para não assumirem as vossas responsabilidades.

Ida, neste dia, vinte e um de julho, tens apenas quatro anos e, se os meus receios se concretizarem, não te recordarás de nenhum aspeto meu. Isto entristece-me bastante, mas nenhum de vós, meus filhos, me conhece senão como aquela pessoa alta que vos repreende ou encoraja, ou como uma voz que fala com a vossa mãe enquanto adormecem. Trabalhei demasiado nos últimos dez anos e viajei demais, e agora parece-me que terei perdido a vossa infância por completo. É um choque para mim. Esperei ansiosamente pelo vosso crescimento e tinha a esperança de que pudéssemos, com o tempo, vir a conhecer-nos de forma mais significativa.

Esta noite, vou partilhar convosco algumas das mais valiosas histórias, acontecimentos e

momentos da minha vida, para que nalgum lugar profundo nos recantos da vossa imaginação estas lições possam persistir e as minhas experiências vivam para servir algum propósito.

Em jovem, não sabia como viver. Ao serão, divertia-me com os amigos, metia-me em brigas, bebia e causava estragos noite adentro. A minha mãe morreu quando me deu à luz e, durante a adolescência, usei esta tragédia para justificar o meu comportamento destrutivo. Em certos momentos de reflexão, procurava consolo na capela, com o coração cheio de remorsos pelo sofrimento que provocara a mim e aos outros. Sentia a alma indomada e não conseguia discernir por que razão nascera. Esta falta de propósito pesava-me tanto que chegava a desanimar-me, como se fosse feito de chumbo, a afundar-me no oceano. Outras vezes, a minha natureza indolente fazia-me sentir tão leve e insignificante que receava ser levado pelo vento. Por fim, esta crise dentro de mim tornou-se um tambor que me ensurdecia. Decidi procurar o homem mais sábio que pudesse encontrar e pedir-lhe que me dissesse como viver.

O pai da minha mãe, vosso bisavô, vivia numa colina de arvoredos no extremo mais distante da

nossa terra natal, para lá de Lanhydrock, perto de Pelynt Barrow. Entre os arqueiros do rei Henrique V, o vosso bisavô fora um dos quatro recuperadores de flechas que haviam sobrevivido à batalha de Agincourt, tinha ele onze anos. Mais tarde, seria armado cavaleiro pelo próprio rei Henrique. Muito admirado em toda a Cornualha, era um homem corpulento, com uma grande falha entre os dentes da frente. Eu apenas o vira um punhado de vezes, dado que ele e o meu pai tinham uma relação conturbada. (Lemuel, talvez te recordes do meu avô. Tentou dar-te uma adaga de madeira para brincares e tu gritaste: «Ele parece uma pessoa morta!» O meu avô riu-se.)

Cheguei à sua porta e bati. Quando ele a abriu, disse-lhe com ousadia:

– Todos afirmam que é o homem mais sábio do reino. Por favor, diga-me como devo viver. Porque não devo enganar nem roubar? O que fazer para evitar terríveis ataques de medo? Porque sou tão volúvel? Porque faço o que sei que não devo fazer? Sou fraco ou sou forte? Sou gentil ou cruel? Já fui todas estas coisas! Nem sequer entendo verdadeiramente a diferença entre certo e errado. Justo e injusto. E o que importa isso, pois em breve todos os que conheço estarão

a apodrecer na terra e a servir de alimento aos vermes?

O velho perguntou-me:

– Queres chá?

– Sim – respondi, sem saber se ele me ouvira.

– Então, senta-te um pouco.

Ansioso, fiz o que me era dito.

O meu avô poisou duas chávenas azuis e verteu um pouco de chá na primeira, mas não parou quando ela estava cheia. Continuou a verter até que o chá quente se espalhou por toda a mesa e depois pelo chão.

– O que está a fazer!?! – gritei, dando um salto, o chá quente a escaldar-me as pernas.

– Tu és como esta chávena que transborda – respondeu o meu avô. – Incapaz de reter seja o que for. São demasiadas as coisas que estão a acontecer e espalhas tudo por toda a parte, queimando aquilo em que tocas.

Olhei para ele.

– Vê esta chávena – pediu-me, apontando para a outra pequena chávena de cerâmica azul ainda sobre a toalha branca. – Não está desejosa de que a encham. Permanece aqui, paciente, imóvel e vazia. – Com cuidado, ele verteu um pouco de chá na chávena. – É assim que deves ser – disse-me, com um sorriso malandro,

apontando para o vapor que subia lentamente da segunda chávina. — As respostas às tuas perguntas hão de vir, mas, se não estiveres calmo e vazio, nunca serás capaz de reter nada.

Senti que os meus ombros se descontraíam e um sorriso aflorou-me o rosto.

— Eu sabia que vinha ao lugar certo — congratulei-me.

— Hmm — murmurou o meu avô.

Seguiu-se um silêncio demorado.

— Estou feliz com a tua vinda, Thomas — afirmou ele, penetrando-me com os seus olhos azuis ancestrais. — Faz muito tempo que esperava ver a tua cara à minha porta, e tenho todo o gosto em aceitar-te como meu escudeiro, se é isso que queres. Mas a primeira coisa que deves entender é que não precisavas de ir a lugar algum. Estás sempre no lugar certo, na hora certa, e sempre estiveste.

Fez uma pausa e olhou para mim ainda mais intensamente.

— Sabes por que razão os cavaleiros do rei Artur não foram capazes de ver o pico da montanha de Sca Fell?

Abanei a cabeça negativamente.

— Porque — ele sorriu gentilmente — era lá que eles estavam.

Eu tinha dezassete anos quando o meu avô me aceitou como aprendiz. Já era velho para escudeiro. Tinha muito que aprender sobre a arte de ser um cavaleiro. A primeira coisa que me deu foi uma pequena lista manuscrita, intitulada «As Regras de um Cavaleiro».



I

Solidão

CRIA tempo a sós contigo. Ao buscar a sabedoria e a clareza da tua mente, o silêncio é uma ferramenta útil. A voz do nosso espírito é discreta e pode não se fazer ouvir quando tem de competir com outras. Sendo impossível vermos o nosso reflexo em águas turbulentas, o mesmo acontece com a alma. Em silêncio, podemos sentir a eternidade adormecida dentro de nós.

Certa vez, numa sufocante noite de agosto, Co meu avô e eu montámos acampamento junto ao oceano. Ele disse-me:

– Enquanto te ensino os modos da guerra, quero que saibas que a verdadeira luta se dá entre os dois lobos que vivem no interior de cada um de nós.

– Dois lobos? – perguntei, sentado num velho tronco perto do fogo. Os meus olhos estavam fascinados pelas chamas que se contorciam desconfortavelmente no ar noturno.

– Um dos lobos é mau – continuou ele. – É raiva, inveja, ganância, arrogância, autocomiseração, culpa, ressentimento, inferioridade, engano, falso orgulho. – Fez uma pausa, espevitando as brasas da nossa fogueira com uma vara comprida que ele estava a entalhar. – O outro é bom. É alegria, amor, esperança, serenidade, humildade, bondade amável, perdão, empatia,

generosidade, verdade, compaixão, fé.

Pensei nisto durante um minuto e então, hesitante, perguntei:

– Qual dos lobos vai ganhar?

As centelhas dançavam no ar, elevando-se em direção às estrelas enquanto o velho olhava para o brilho das chamas e me respondeu:

– Aquele que tu alimentares.